

Reflexões sobre a Doutrina do emprêgo dos Carros de Combate

Pelo Major OLÍMPIO MOURÃO FILHO

I — A propósito do estudo sumário dos dispositivos, publicado no número de 10 de Outubro (341), um leitor pergunta se um dispositivo de unidades de carros pôde sofrer modificações no curso do combate.

Reporta-se ao seguinte trecho do trabalho citado:

— “Como sóe acontecer, às vezes, que as condições de ocupação, após combate, podem diferir algo das do desenvolvimento do mesmo (devido às reações diferentes dos vários trechos do terreno e atuação do inimigo nas várias fases), um dispositivo só faz plástica perfeita com a situação, quando *no mínimo contem em germe* o dispositivo final, no caso em que não possa com o mesmo coincidir”.

Ora, argumenta ele, como unidades de carros não ocupam terreno, *em caso algum o seu dispositivo* sofrerá a *servidão das condições de chegada*, devendo estar apenas preparado para as eventualidades no decorrer da ação até a conquista final do objetivo, o que não sucede sempre com a Infantaria, que, em última análise, ao atingir a linha fixada deverá estar em condições de ocupar e defender o terreno.

A questão posta é interessantíssima e merece um exame afim de esclarecer o assunto e contribuir para evitar o esquema apriorístico que se vê na solução de certos temas táticos. De fato, nota-se em geral, que na solução dos referidos trabalhos o aluno preocupa-se em arranjar um dispositivo inicial e *raras vezes* há coragem necessária para encarar a possibilidade de sua mudança, quando, em certos casos, na passagem de uma linha intermediária para outra pôde haver *modificações de caráter estrutural e que devem estar previstas na ordem* que regule o movimento até além da referida linha intermediária.

No jogo das tropas de cavalaria e infantaria qualquer modificação na colocação de unidades ou sub-unidades, ao atingirem certas linhas, só pode afetar as unidades de 3.º escalão ou reserva, rariíssimas vezes as do 2.º escalão, porque as de 1.º já fixadas pelo fogo, não poderão nunca variar sua colocação, salvo à noite e com as precauções da praxe. Entretanto, tratando-se de unidades de carros, cogita-se apenas de se saber se pode haver necessidade, em certos casos, de modificar o dispositivo de chegadas, porque, quanto aos escalões que poderão ser *mudados de lugar*, não há a menor restrição de vez que *o carro pode manobrar sob o fogo*, principal característico que distingue uma tropa de Carros de uma de Infantaria ou Cavalaria o que, de resto, é infra-estrutura da mentalidade da Arma. Não me canso de repetir; cada Arma tem sua mentalidade própria; o pessoal que a constitui deve ser educado no ambiente dela. A mentalidade do infante é a luta a pé, sua capacidade de afrontar e vencer qualquer terreno, e sua grande aptidão para se agarrar ao solo, quando necessário, bem como, sua extrema vulnerabilidade ao fogo que o *fixa segundo uma direção*, impedindo-o de *mudá-la no curso da ação, de dia*, ou pelo menos dificultando de muito romper o combate. A mentalidade da Cavalaria, antes da guerra 14-18, era o *choque*, a *carga* e a rapidez estratégica que permitia lançar as divisões, por uma brecha ou nos espaços vazios, penetrando profundamente até à retaguarda inimiga; a *mobilidade* prejudicava muito seriamente a potência de fogo, apesar da arma automática; daí sua capacidade de ocupação do terreno ser muito inferior à da Infantaria.

Depois da guerra 14-18, a Cavalaria perdeu a missão de *choque* mas conservou a da maior *mobilidade* e *rapidez* que a Infantaria e, pois, exigindo ainda do cavalariano uma mentalidade — de esporte, audácia e impulso — a qual a caracteriza. Aqui, devemos observar que a moto-mecanização não baniu a Cavalaria dos campos de batalha e que ela continua a existir por ser indispensável, porque se bem que “haja alguma semelhança no emprego estratégico de ambas as Armas, todavia há diferenças bem marcadas e os Exércitos modernos não dispensam uma e outra. Há missões que só podem ser desempenhadas pela Cavalaria *a Cavallo* e não por unidades moto-mecanizadas; e quanto à mistura de cavalos e motores, eis a melhor maneira de inutilizar uns e outros, no mais indigesto dos *coqueteles*.”

Basta lembrar aqui, de passagem, o seguinte, relativo a de terminada missão tática: carros não vasculham o terreno; sua presença numa linha não indica necessariamente *ausência do inimigo*, ao passo que a *presença da cavalaria* numa zona é a conclusão da ausência completa de tropas adversárias.

As características da Arma Couraçada, comparadas com as das irmãs, são asseguintes:

- a) quanto à potência de fogo participa das características da Artilharia e Infantaria e tem maior potência que a última. Constitue bases móveis de fogo (o que não pode realizar a Infantaria) e não pode constituir bases fixas;
- b) o carro rompe o combate em qualquer momento e o fogo não fixa suas unidades. Em contra-posição, não tem capacidade de ocupação do terreno;
- c) é mais sensível ao terreno que a Infantaria, em face das dificuldades de transposição;
- d) tem mais velocidade, resistência e potência de fogo que a Cavalaria, mas não tem a mesma capacidade de vasculhar e limpar o terreno que ela; há zonas permeáveis à Cavalaria e impermeáveis, ou pelo menos, muito difíceis aos Carros;
- e) finalmente, seu abastecimento é mais complexo que os das outras Armas o que, necessariamente, limita seu raio de ação no quadro estratégico.

Em resumo — é uma Arma, com sua mentalidade e métodos próprios.

Embora razões de ordem administrativa possam não aconselhar a organização de quadro à parte, todavia, os princípios aconselham os seguintes pontos fundamentais:

1.º — O abandono definitivo da idéia de moto-mecanizar tropas de Cavalaria ou de Infantaria. As Divisões destas armas devem continuar a existir, com a organização clássica, sem que *elementos especificamente da Arma* sejam moto-mecanizados.

Uma ou duas unidades de Carros devem ser atribuídas organicamente às Divisões citadas, *como meios próprios do Comando*, para emprego em casos especiais.

Durante a ação, quando há necessidade, o Comando atribue às Divisões de Infantaria ou *Cavalaria*, como meios suplementares, companhias ou Batalhões de *Carros Leves* ou *Médios*, como apoio.

As Grandes Unidades Couraçadas são formadas de Carros pesados (em função do raio de ação) e tem emprego exclusivamente estratégico no quadro geral da batalha, com apoio de aviação apropriada.

Um certo número de D.I. deve ser totalmente motorizado.

2.º — Recrutar o Pessoal na *origem*, isto é, tomar as medidas necessárias para abandonar o mais depressa possível o atual processo de pegar oficiais, sargentos e praças de outras Armas já de *mentalidade definida*, de *reflexos formados* e procurar transformá-los em soldados da nova Armá.

Deste modo, o ideal seria, a *partir do 2.º ano da Escola Militar*, inclusive, embora relacionados nas outras Armas, matricular os cadetes na Escola de Moto-Mecanização, ou na Unidade Mixta de Carros da Escola Militar.

Depois desta digressão, indispensavel e oportuna, voltamos ao assunto da pergunta do leitor.

Já estabelecemos com clareza que as unidades de Carros podem, havendo necessidade, modificar seu dispositivo, em toda a profundidade e em toda a frente, durante o curso da ação e, pela possibilidade delas especifica de poder romper o combate a qualquer momento.

O leitor que me pôz a questão, argumenta que, *não ocupando terreno*, não haverá necessidade de modificação no dispositivo.

Esqueceu-se do terreno a percorrer para passar de uma linha a outra e mais uma vez raciocinou dentro do círculo dos reflexos de oficial de outra Arma, isto é, pensou com a mentalidade, digamos, de um Infante.

Com efeito, na Infantaria, o dispositivo visa *essencialmente* realizar as melhores condições possíveis de *ocupação*, no fim de uma operação dada. Havendo, porém, linhas intermediárias, e de permeio o terreno com seus caprichos, pode haver necessidade de se introduzir no *dispositivo ideal de chegada ao objetivo definitivo*, algumas modificações.

Todavia, estas não devem afetar estruturalmente o dispositivo ideal, do contrário exigiria um trabalho de reajustamento completo, na hora mais crítica de todas — a hora em que a unidade atinge o objetivo.

Dai, o se dizer que é necessário que o dispositivo de partida, contenha em *germen*, no mínimo, o adequado para a ocupação final.

Resumindo: o *essencial* é que o dispositivo realize a *chegada*; as modificações iniciais ou em curso, nele introduzidos, tem o caráter de *acessórias*.

Para as unidades de carro, é o contrário exato: o *essencial* é *partir* com um dispositivo próprio para *percorrer* toda a profundidade da posição inimiga; como, raramente os Carros *devem esperar* as unidades de Infantaria, sobre a posição, e, ainda assim, por pouco tempo, as modificações necessárias para aguentar a posição, *são acessórias*, não devem preocupar o comando, antes da partida para o ataque, e, de resto, são facilimas de se fazerem na própria hora da chegada.

Vejamos, pois, quais as servidões que o *passeio* ao longo da profundidade da posição inimiga, a contar da posição de partida, podem reagir sobre o dispositivo de partida.

—Primeiramente temos de levar em conta o princípio básico do emprego: obter o máximo de destruições numa area dada, com o máximo de neutralização durante a passagem.

Sendo assim, é claro que o *dispositivo de defesa* do inimigo, reagirá sobre o de partida. É necessário passar com a *densidade* máxima de Carros, onde o inimigo tiver a densidade máxima de seus fogos. Como esta pode variar de uma linha intermediária a outra, de modo substancial (embora seja raro o caso), pode haver necessidade de modificação de uma linha a outra, em função do inimigo.

Mais ainda. O terreno. Este, pode afetar formas também estruturalmente variáveis de uma linha a outra.

Assim é que, até uma linha determinada, permite por exemplo o rolamento de um Batalhão inteiro com duas companhias em 1.º escalão a linha seguinte, há um obstáculo de certas dimensões (uma vila de e uma ou duas (conforme a organização) em 2.º; ao passar, porém, para ruas barricadas fortemente, um bosque muito cerrado, um trecho de terreno muito pantanoso, etc.) que *diminue* a frente, obrigando o Batalhão a continuar a operação apenas com uma Companhia em 1.º escalão e as demais em 2.º e 3.º, etc.

Algumas vezes, ao atingir uma linha determinada, a situação permite e aconselha escorregar todo o dispositivo para um flanco mal defendido ou totalmente descoberto e, neste caso, toda uma unidade, a

coberto da crista mais próxima, desfila para o flanco referido e precipita-se no espaço vazio, para ganhar a retaguarda da posição.

E' necessário nunca se perder de vista que, além dos ninhos de metralhadoras e canhões anti-tanques que podem ser alcançados pelos Carros, há objetivos importantíssimos para eles, a saber: os P.O. de Infantaria e Artilharia. Cada P.O. de Artilharia que é destruído, equivale a calar uma bateria e não carece perder tempo em justificar a importância de fato. E' por este motivo que o Comando não deve hesitar em lançar seus Carros até a linha de horizonte visível onde eles devem procurar descobrir e destruir os P.O. quando puderem, pela sua localização alcançá-los, caso comum quando não há grandes elevações próximas o que obriga a Artilharia a colocar seus observatórios ao longo das colinas que fecham o horizonte.

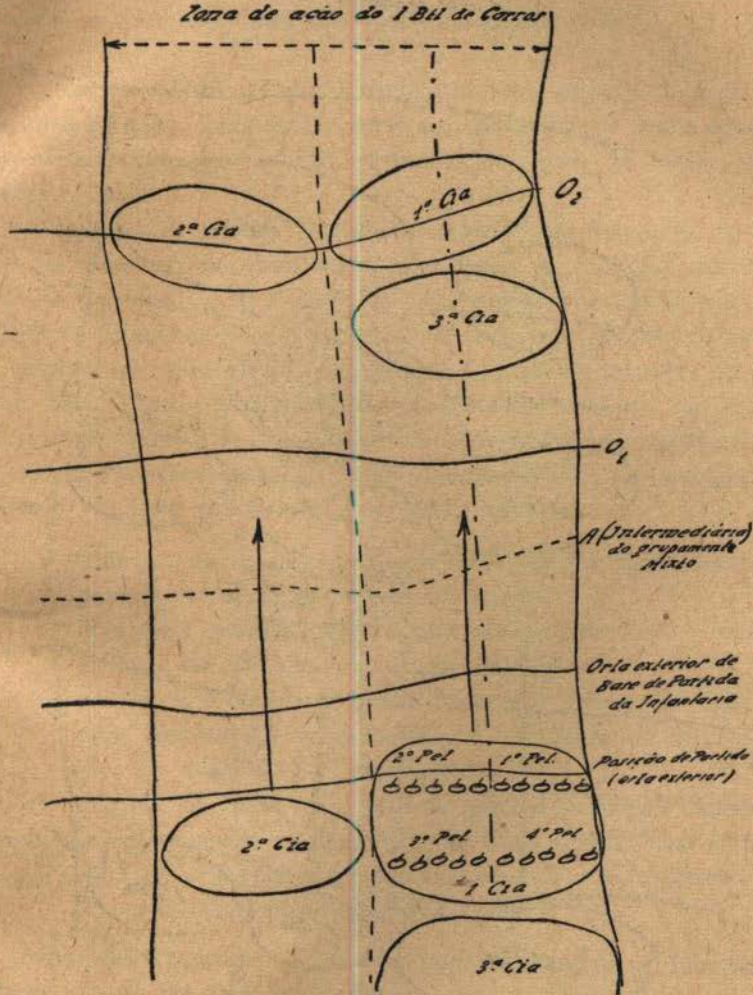
Um outro leitor extranhou que n'um trabalho anterior eu tivesse afirmado que o Carro não é uma arma de choque e que age *normalmente*, pelo fogo. Fez menção de um caderno de instrução vindo da Alemanha e no qual, querendo mostrar *um erro*, numa figura, fixa um carro atirando contra uma Metralhadora próxima e noutra deixa ver o mesmo carro passando *por cima* da arma e esmagando-a. A legenda diz: "não perca tempo em atirar, quando pode esmagar, com muito mais certeza de êxito".

Abro, pois, um parentesis aqui, para responder. Quando se diz que o carro não é uma arma de choque, quer se exprimir apenas que ele não age *normalmente* como arma de choque; isto não impede que ele, quando descobrir uma arma automática nas suas proximidades, vá perder tempo em preparar a pontaria e atirar, se pode rolar imediatamente e esmagar o objetivo. E' claro. Não é menos claro que, na *maioria dos casos*, especialmente quando em *missão de acompanhamento* no Grupamento Mixto, ele não pode esperar chegar junto da arma automática para *esmagá-la*, deixando que ela, impunemente, desde longe, continue atirando contra a infantaria que segue o carro. Especialmente na 1.ª modalidade descrita no trabalho referido, em que o infante segue colado ao Carro, este, desde o mais longe possível começa a ação de neutralização e logo que alcance sua *distância tipo* para o tiro de canhão, para e atira afim de destruir o ninho de metralhadoras. Do contrário, seria impossível, ao infante, repito, na primeira modalidade, acompanhar o carro. E na 2.ª modalidade, toda a Infantaria teria de aguardar

Esquema n.º 1

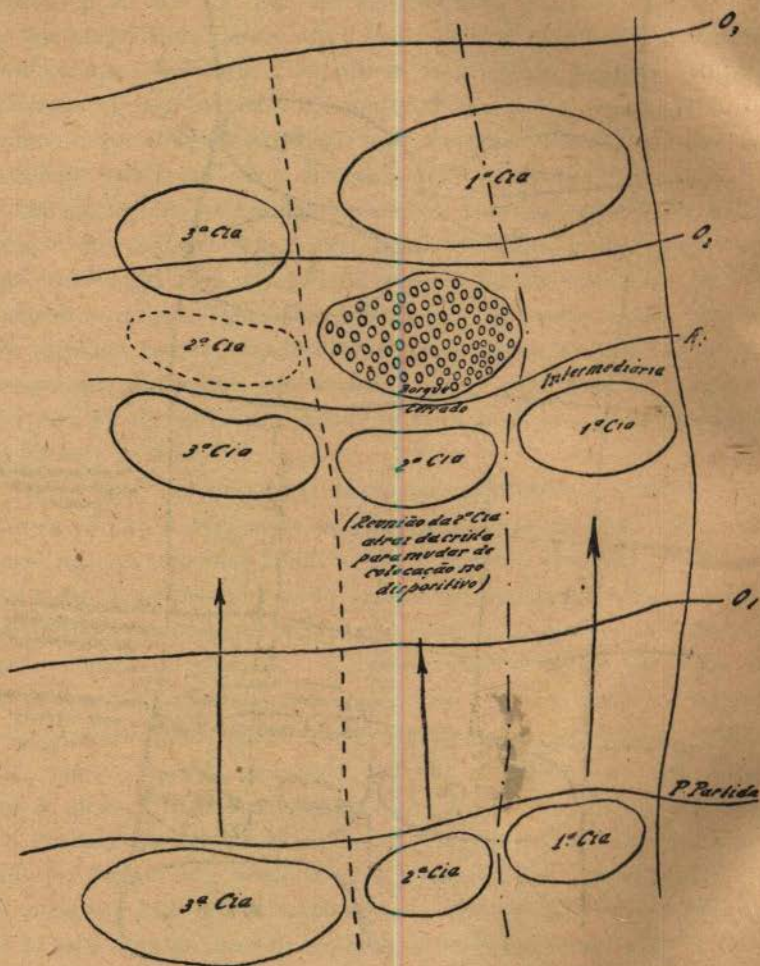
O Batalhão conserva o mesmo dispositivo desde a P de Partida até O₂

Zona de ação do 1.º Bil de Corrar



Esquema nº 2

O Batalhão modifica o seu dispositivo ao rotar da linha intermediária h_1 para 0_2 .
 Note-se: o esforço principal, a partir de 0_1 ,
 é pela esquerda



que os carros paciente e demoradamente chegassem até às armas automáticas inimigas e as esmagassem, para se lançar ao ataque.

No caso de observatórios inimigos, *logo que o Carro pode*, se acontece ter assinalado algum ao seu alcance, procura fazer sobre o mesmo o tiro de destruição.

Vejamos alguns exemplos de modificação de dispositivo durante o curso de um combate, ilustrados com os esquemas abaixo.

1.º caso — Desde a Posição de Partida até o objetivo final, o terreno tem a mesma conformação geral e o dispositivo de defesa inimigo não oferece diferenças radicais quanto às densidade do fogos. (Esquema n. 1).

Neste caso, calculados os meios necessários, em função ou da largura da frente ou das informações minuciosas do inimigo, articulado que seja o dispositivo na Posição de Partida desde que, de acordo com a hipótese formulada para o esquema, não haja modificações de monta na configuração do terreno e no próprio dispositivo defensivo do inimigo, não há razão para alterações e o Batalhão conserva sua articulação tática desde a Posição de Partida até à chegada ao objetivo final.

2.º caso — Neste caso, de acordo com a hipótese sobre a qual se baseia o esquema, verificamos dois pontos essenciais:

- a) à direita, na altura de primeira linha intermediária, existe um bosque cerrado, impermeável aos Carros.

Mas, até à referida linha, há interesse em bater todo o terreno à frente, em face das organizações inimigas.

Ao atingir o bosque, a 2.ª Cia. reúne-se a coberto da crista — para, com um deslocamento lateral, colocar-se em nova posição, na esteira da Cia. da esquerda.

- b) a partir da linha 0₂, o eixo de esforço principal desloca-se para a esquerda e o Batalhão que vinha rolando com 3 Cias. em 1.º escalão, passa a ter 2, rolando a 2.ª Cia. na esteira da 3.ª, conforme mostra o esquema citado.

Seria possível semelhante manobra com um Batalhão de Infantaria, durante o curso do combate, de dia ?

E' claro que não. Seria difficilimo, senão impossivel à 2.ª Cia. romper o combate na frente do bosque, deslocar-se, desfilando em frente

ao inimigo, para colocar-se na esteira da 3.^a Cia., no caso de se tratar de Infantaria.

Fixemos de uma vez por todas, a Arma Couraçada tem, como consequência de suas características técnicas, um modo de ação fundamentalmente diferente dos da Infantaria e Cavalaria e exige, do seu pessoal uma mentalidade inteiramente original, calcada em reflexos *específicos*, *próprios* da Arma e que devem ser formados o mais cedo possível.

Se quizermos empregar judiciosamente unidades couraçadas, temos de nos libertar completamente do *complexo Infantaria* ou *Cavalaria* e *pensar e agir* com a nova mentalidade.

Aí está uma das mais fortes razões que contraindicam claramente a moto-mecanização de elementos de Cavalaria ou Infantaria.

Cavalaria é Cavalaria, e é indispensável continuar a existir como Cavalaria.

Pode-se *motorizar* uma parte de certas Divisões de Cavalaria, bem como a Infantaria e atribuir-lhes organicamente um elemento couraçado para emprego por parte do Comando.

Mas, moto-mecanizar tropas de Cavalaria, no âmbito Regimento misturando cavalos e motores, *entrelaçando* duas mentalidade diferentes, é obter um resultado funesto: amarrar os motores aos cavalos, *perverter* a mentalidade própria do Cavalariiano, inutilizando-o e não conseguindo realizar a verdadeira unidade couraçada.

